



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC
CAMPUS II – ALAGOINHAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

CARLA RUTH SANTOS CARDOSO

**REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE “AS *MENINAS*” DA ESCRITORA LYGIA
FAGUNDES TELLES**

ALAGOINHAS/BA

2025

CARLA RUTH SANTOS CARDOSO

**REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE “AS MENINAS” DA ESCRITORA LYGIA
FAGUNDES TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em História, da Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos.

ALAGOINHAS/BA

2025

REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE “AS MENINAS” DA ESCRITORA LYGIA FAGUNDES TELLES

CARLA RUTH SANTOS CARDOSO

Ficha catalográfica

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos - Orientadora
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Profa. Dra. Leonice de Lima Mançur Lins - Examinadora
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Profª Mst. Eliane Brito Silva - Examinadora
Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Data de aprovação

Alagoinhas, 08 de agosto de 2025.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e a Maria, por terem guiado meus passos ao longo dessa jornada. Após noites de insônia e ansiedade, acompanhadas pelo sentimento de incerteza e incapacidade, senti a presença divina me sustentando a cada amanhecer. A ti Senhor consagro minha futura trajetória profissional.

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Lúcia, que teve suas asas cortadas a vida inteira, mas sempre me incentivou a voar, e no dia que contei para ela que não estava conseguindo dar conta, ela me olhou e disse “Deus sabe de todas as coisas e estarei com você independente da sua decisão”. Conseguimos mãe, essa conquista é tão minha quanto sua. Te amo.

A minha vó Maria José (*in memoria*), que me ensinou a professar a fé católica, e a nunca desistir por mais difíceis que as coisas estejam. Um exemplo de resistência até o fim da vida.

A minha orientadora, Prof^a Marilécia Oliveira Santos, por me acolher com tanto carinho e entusiasmo, segurando minha mão e me incentivando a continuar. Gratidão, você é incrível.

As minhas primas, principalmente a Iane Cristine, por ter me incentivado a prestar o vestibular da UNEB, e ter compartilhado essa experiência inesquecível comigo. Aos meus tios, muito abrigado.

Em especial ao meu primo Elanio Nascimento (*in memoria*), que não estará presente nesse momento do qual dialogamos muito.

Aos amigos e colegas de curso, por me apoiarem nessa jornada.

A banca examinadora, meus sinceros agradecimentos pelo tempo dedicado à leitura e análise desse trabalho.

E, não menos importante, agradeço a todo o corpo docente da UNEB/Campus II, que direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação acadêmica.

Por fim, levarei comigo não apenas um diploma, mas uma bagagem de aprendizado, memórias, histórias e pessoas que marcaram meu caminho. Posso dizer que tudo até aqui valeu a pena, mesmo com as atribulações. A todos que fizeram parte desse capítulo da minha história, meu sincero obrigada.

REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE AS MENINAS DA ESCRITORA LYGIA FAGUNDES TELLES

Carla Ruth Santos Cardoso¹

RESUMO

O presente artigo se dedica a fazer uma reflexão sobre a obra *As Meninas* (1973), da autora Lygia Fagundes Telles, abordando temas como cotidiano social e político, problemas psicológicos, violência sexual, religião, racismo, desigualdade social, aborto e dependência química. O romance que tem como protagonistas três amigas, Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição, jovens universitárias que residem num pensionato de freiras durante o período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Cada uma das meninas tem uma história particular, que dialoga com as demais, proporcionando visibilidade a outros personagens e suas experiências. São vários os assuntos abordados durante o romance como: política, silenciamento, racismo, drogas, aborto, problemas psicológicos, assédio sexual, doutrina religiosa e entre outros. A escolha do tema ocorreu a partir do interesse em estudar o romance partindo do ponto que ele foi escrito por uma mulher, dando visibilidade a outras mulheres. O objetivo do artigo não é analisar estritamente a Ditadura civil-militar (1964-1985), mas sim, como a literatura ao atuar como fonte histórica permite compreender as vivências das mulheres neste período, enquanto os documentos oficiais as silenciam.

Palavras-chave: As Meninas. Lygia Fagundes Telles. Literatura. representatividade e Silenciamento feminino.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo expressa meu interesse em pesquisar sobre a história da mulher, em períodos conturbados, especialmente durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). O foco do estudo não se concentra na atuação feminina em movimentos políticos ou na luta armada especificamente, mas busca compreender como a literatura, enquanto fonte histórica permite analisar formas sutis de resistência ao sistema patriarcal. Nessa perspectiva pretendo evidenciar de que forma certas experiências femininas narradas no cotidiano das personagens contribuem para a visibilidade das mulheres em contextos de opressão, revelando dimensões da história feminina que são silenciadas nos registros oficiais. Dentro dessa perspectiva conheci o romance *As Meninas* (1973), da autora Lygia Fagundes Telles, que narra a história de três jovens amigas que estão vivendo num pensionato na cidade de São Paulo e sobrevivendo ao caos da sociedade durante o período da ditadura civil-militar no Brasil e aos seus próprios conflitos internos. A autora foi testemunha do seu tempo e

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, localizada no município de Alagoinhas-BA.

demostrou, na sua escrita, resistência ao sistema, ainda que de modo menos evidente que outras manifestações de resistência no período. O nosso objetivo neste artigo é explorar os seguintes temas abordados no romance: cotidiano social e político, problemas psicológicos, violência sexual, religião, racismo, desigualdade social, aborto e dependência química. E alguns aspectos das vivências das meninas durante o período abordado pela autora.

A escritora Lygia Fagundes Telles nasceu em 19 de abril de 1923, na cidade de São Paulo, e faleceu em 03 de abril de 2022, na mesma cidade. A mãe dela, popularmente era conhecida por Zazita, mas seu nome de batismo era Maria do Rosário, e atuava como pianista. Seu pai, Durval de Azevedo Fagundes, era advogado e foi promotor público. Lygia viveu a infância no interior, porém, voltou a residir na cidade de São Paulo, onde cursou na Escola Caetano de Campo o ensino fundamental. Formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na Universidade de São Paulo. Na mesma universidade ingressou como estudante do pré-jurídico, na Escola Superior de Educação Física. Durante a adolescência, Lygia despertou o interesse pela escrita, contando com o incentivo de alguns dos seus amigos, como os escritores Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo. Aos 15 anos de idade, ela publicou seu primeiro livro de contos *Porão e Sobrado (1938)*, custeado pelo seu pai, Durval Fagundes. Ao que parece, com a chegada da maturidade e o desenvolvimento do senso crítico, ela começou a rejeitar seus primeiros livros, com a justificativa de que a escrita ainda era muito prematura.²

O instituto Moreira Salles em maio de 1997 desenvolveu um projeto *O escritor por ele mesmo*, que incluía uma série de depoimento ao vivo, e tinha como objetivo a leitura de textos dos autores, feita por eles próprios, e o material ficou gravado em CD nas sedes do IMS. Lygia participou do projeto e gravou a leitura de dois contos: “A estrutura da bolha de sabão” e “As formigas”. Durante o depoimento que prestou, a autora relatou seus primeiros passos no universo da ficção:

Comecei a escrever quando aprendi a escrever – tinha sete, oito anos? E se falo naquele tempo descabelado, selvagem, é porque acho importante o chão da infância no qual pisei descalça, ouvindo histórias de outras crianças e de pajens, aquelas mocinhas perdidas que eram expulsas de casa e que minha mãe recolhia para os pequenos

² Síntese feita a partir dos dados retirados da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Lygia Fagundes Telles. Academia Brasileira de Letras, s.d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: 10 maio 2025

serviços. As histórias eram sempre de terror (o medo era necessário) com caveiras de voz fanhosa e mulas-sem-cabeça, as tais mulheres galopantes que se deitaram com padres e geravam filhos normais até o sétimo, fatalmente um lobisomem. Eu só ouvia. Mas na noite em que também comecei a inventar, descobri que enquanto ia falando o medo ia diminuindo – não, não era eu que tremia, mas os outros, aqueles ouvintes amontoados na escada de pedra, isso foi em Descalvado? A descoberta me fortaleceu: transferindo o medo (que trava e avilta) eu me libertava, agora era o próximo que temia, era nele que eu projetava esse medo. E o resto. Mas era cedo ainda para se falar em transferência ou catarse, na idade do ouro era o instinto ensinando o caminho da inocente criação. (O escritor por ele mesmo, 1997).

É preciso considerar que ela fez essa reflexão sobre seus primeiros escritos ou sua fase inicial na escrita quando já estava com 54 anos de idade e havia trilhado uma trajetória literária consolidada. Portanto devemos levar em conta que essa memória de Lygia não pode ser vista como uma simples nostalgia, mas podemos problematizar, e entender esse seu depoimento como uma visão crítica e madura de uma escritora com experiência nos mecanismos do papel da literatura em sua trajetória. Ao analisamos uma obra devemos colocar em evidência a relação do autor com a escrita. A autora nasceu em uma família bem estruturada, seus pais eram formados e tinham o que Pierre Bourdieu (1989) chama de “*campo e habitus*” que favoreceram o desenvolvimento social da escritora.

Somos influenciados pelo nosso convívio social e familiar, seja consciente ou inconscientemente. Claro que isso não é uma regra que se adequa a todas as pessoas da mesma forma, mas sabemos que o meio social influencia no nosso desenvolvimento contribuindo para o sentimento de pertencimento e identificação ao grupo social que integramos. Construímos laços e vínculos na medida em que partilhamos experiências e lembranças. Segundo Fernando Catroga (2001) no livro intitulado “Memória, História e historiografia”,

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção. Devido a incessante mudança do presente em passado e as alterações ocorridas no campo das re-presentações (ou re-presentificações) do pretérito. (p. 16).

A memória pessoal ela é individual de acordo com seu ponto de vista para determinada situação, porém ela também é resultado de uma interação coletiva, pois

é construída por meio de momentos compartilhados com outras pessoas. Com o passar do tempo entre o presente e o passado nossa concepção ou elaboração sobre um determinado acontecimento pode sofrer alterações e isso devido a mudança derivadas de relatos de outras pessoas presentes em nosso cotidiano. Sendo assim, a memória sofre influências tanto internas quando externas.

A autora casou-se com seu ex-professor de faculdade, o Jurista Goffredo da Silva Telles Jr, no ano de 1950. Mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, e quatro anos depois gerou seu único filho, Goffredo da Silva Telles Neto. E em seguida lançou seu primeiro livro de romance *Ciranda de Pedra* (1954) que, segundo o registro da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi o livro que Antônio Candido identificou como o marco da maturidade literária de Lygia Telles. O romance *Ciranda de Pedra* (1954) é uma narrativa em terceira pessoa que retrata o universo da personagem Virgínia e a decadência da sua família, tendo como temas principais o adultério, “a morte a loucura, o medo, a crueldade, a fragilidade da alma humana, entre outros” (RODRIGUES, 2014, p. 41).

Lygia Telles seguiu escrevendo e publicando outras obras importantíssimas para a literatura brasileira, como *Verão no Aquário* (1963), *Histórias escolhidas* (1964), *O jardim Selvagem* (1964), *Antes do Baile Verde* (1970), *As meninas* (1973), *As horas nuas* (1989), *O seminário dos ratos* (1977), *a Disciplina do amor* (1980). entre outras. Em 1958 ela conquistou seu primeiro prêmio no Instituto Nacional do Livro, com o livro *Histórias do Desencontro* (1958).³

O *Verão do Aquário* (1963) tem como protagonista uma personagem feminina chamada Raíza, “a narrativa transcorre num verão de calor intenso e termina com o fim da estação” onde ela vive “recordações obsessivas pela figura e memória do pai, já falecido, em seu espaço lúdico, o porão da antiga casa, e vê-se em um embaçado espelho brincando com o pai e o tio”. A mãe é retratada como uma mulher ocupada com as atividades domésticas da família (RODRIGUES, 2014, p. 41). Em 1963, é possível destacar momentos importantes na trajetória da escritora, ela divorciou-se do marido e ganhou o Prêmio Jabuti com o romance *Verão no Aquário* (1963). Lygia Telles casou-se novamente com Paulo Emílio Sales Gomes e juntos escreveram o primeiro e único roteiro para o cinema, intitulado *Capitu* (1967), com base no livro de

³ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Lygia Fagundes Telles. Academia Brasileira de Letras, s.d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: maio 2025

Machado de Assis “Dom Casmurro”, que foi dirigido pelo Paulo Cesar Sarraceni (1967).

A atuação profissional de Lygia não se restringiu à escrita, ela exerceu o cargo de procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, do qual só se retirou para se aposentar. Ela foi a quarta ocupante da Cadeira nº 16, eleita em 24 de outubro de 1985, e recebida em 12 de maio de 1987 pelo acadêmico Eduardo Portella. Também foi membro da Academia Paulistana de Letras, fundada por Paulo Emílio Sales Gomes e a Cinemateca Brasileira, teve a autora como presidenta.

É importante ressaltar que em 1985 foi aprovada a Lei 7.353, um marco no avanço da conquista das pautas femininas e neste mesmo ano Lygia assumiu o cargo de procuradora. A Lei preconizava:

Art 1º Fica criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, com a finalidade de promover em âmbito nacional, políticas que visem a eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País.

Esta Lei foi aprovada em agosto e Lygia assumiu o cargo de procuradora meses depois e foi uma grande conquista, tanto para Lygia quanto para as mulheres brasileiras, por terem uma representante feminina no cargo pouco tempo depois da aprovação da Lei que garantia a igualdade de gêneros perante a sociedade. Lygia seguiu tendo avanços significativos para representação feminina com a circulação de seus livros. Eles foram publicados em vários países como Espanha, Itália, Portugal, França, Estados Unidos, Alemanha, Holanda, Suécia, e algumas das suas obras foram adaptadas para teatro, TV e cinema.⁴

O romance *As meninas* teve grande repercussão e em 1996, foi adaptado para o cinema por Carlos Moletta e Emiliano Ribeiro. As personagens principais foram representadas por Cláudia Liz, como Ana Clara; Drica Moraes, no papel de Lia; e Adriana Esteves, como Lorena. Segundo Jeanine Geraldo Javarez em sua monografia intitulada “*O Discurso Indireto livre na narrativa cinematográfica: análise do filme As meninas*”, a narrativa teve que ser moldada, pois no livro cenas importante acontecem

⁴ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Lygia Fagundes Telles. Academia Brasileira de Letras, s.d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: maio 2025

dentro da consciência das personagens, e no filme essas cenas foram adaptadas para o externo.

É essencial contextualizar o período em que a narrativa do livro se desenrola, permitindo assim que possamos posicioná-lo corretamente no espaço e no tempo em que os eventos ocorreram. No final de março de 1964, civis e militares se uniram para derrubar o presidente João Goulart, dando um golpe de Estado tramado dentro e fora do país. Na verdade, esta aliança golpista vinha de muito antes, sendo resultado de uma crise política que culminou no suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

O golpe civil militar e a ditadura que foi instaurada é objeto de intenso debate na academia e fora dela. Marcos Napolitano (2014, p.63) afirma que, “ao que parece, todos, conspiradores e governistas, acreditaram que se tratava de mais uma intervenção militar à brasileira: cirúrgica, de curta duração, que logo devolveria o poder aos civis, em um ambiente político “saneado”, como as direitas gostavam de dizer”. Uma conspiração foi montada para derrubar o presidente João Goulart afastando-o das suas funções abrindo espaço para a ascensão dos militares com apoio de civis, afinal, “se o país não tinha mais um presidente, o caminho dos golpistas estava aberto não só pela força das armas, mas pelas artimanhas da própria política institucional” (NAPOLITANO, 2014, p. 61), dando início assim aos 21 anos de tortura, autoritarismo, morte e repressão de uma dentre outras sangrentas ditaduras da América Latina.

Em 13 de maio de 1968, durante o governo de Arthur Costa e Silva, instaurou-se o Ato Institucional nº 5, porém foi em 1969 quando Emílio Médici ganhou as eleições de forma indireta, que o AI-5 iniciou sua fase mais severa, indo além da censura e do combate à resistência, e passando a incluir o fechamento do Congresso Nacional e a suspensão do habeas corpus, dando início ao chamado “anos de chumbo”.

Ainda segundo Napolitano (2014, p.92), entre 1964 a 1968 aconteceu o primeiro momento repressivo na área da cultura, ocasião em que foi implantado o chamado “terror cultural que transformava todos os intelectuais críticos em potenciais subversivos” verdadeiros “inimigos da pátria”. O teatro foi o principal foco da censura naquele momento, devido a “mobilização dos setores intelectuais de oposição” Já o segundo momento para o autor, corresponde ao período entre 1969 e 1978, tendo como principal “objetivo reprimir o movimento da cultura como mobilizadora do radicalismo da classe média (principalmente dos estudantes)”, dando surgimento a

novas leis, como a lei da Censura que foi implantada em novembro do ano 1968. Em janeiro de 1970 foi implantado o Decreto-Lei nº 1.077, que instituiu a censura sobre os materiais impressos. Para o autor, o terceiro momento foi no período de 1979 a 1985 tendo como principal objetivo “controlar o processo de desagregação da ordem política e moral vigentes, estabelecendo limites de conteúdo e linguagem” (NAPOLITANO, 2014, p.92-93). É nesse momento de repressão que a autora Lygia Fagundes Telles escreve e em seguida publica o romance que refletiremos a seguir.

As Meninas

O romance *As meninas* foi publicado em 1973, durante a Ditadura Civil Militar Brasileira (1964-1985), período marcado pela censura, tortura, repressão política, morte e desigualdade social. Ao falar sobre o livro, Lygia Telles (2008, p. 20) afirmou que “esse romance [As meninas] foi escrito nos anos de chumbo, plena ditadura militar, 1970; sou, como escritora, uma testemunha desse nosso tempo e dessa nossa sociedade”. É importante ressaltar que além de escritora, Lygia se afirmou como testemunha do período e das atrocidades como mortes e desaparecimentos dos que estavam ocorrendo.

A obra possui 12 capítulos e 4 narradores diferentes, as três protagonistas (Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição) e um narrador “ausente” que intercala as diferentes falas. Podemos dizer, portanto, que há uma voz externa e três vozes internas e uma polifonia de vozes.

Ao discutir sobre as diferentes vozes presentes em narrativas o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2005, p. 35) “pressupõe uma multiplicidade de vozes plenivalentes nos limites de uma obra”. E neste sentido, é possível classificar o romance de Lygia como uma obra polifônica, na qual as diversas vozes interagem entre si, porém cada uma em seu espaço, com seus problemas, e características próprias despertando no leitor uma curiosidade em saber mais, porém elas não se repetem e nem aprofundam na narrativa e este é um recurso ou uma estratégia que provoca ou aguça ainda mais a curiosidade do leitor.

O livro teve uma grande repercussão e conquistou alguns prêmios importantes como o Prêmio Coelho e Neto, da Academia Brasileira de Letras (1974), Prêmio

Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1973) e Prêmio de “Ficção”, da Associação Paulista de Críticos da Arte (1974).⁵

Eurídice Gomes (2009) ressalta a complexidade do romance, e sua importância na consolidação de Lygia como uma grande escritora. Para Gomes, o

Livro tão belo quanto inquietante — vivo e corajoso testemunho de um tempo com suas perplexidades, suas paixões, sua atmosfera cotidiana de tensão e suspense como se a sorte da própria condição humana estivesse em jogo. [...] As meninas representam, sem dúvida, a experiência mais alta de Lygia Fagundes Telles como ficcionista e vem situar-lhe o nome, em definitivo, na primeira linha dos nossos autores modernos. (p.296).

Lygia Fagundes Telles aborda no romance *As meninas* várias situações do cotidiano cultural, social, político, psicológico, e sexual, principalmente das mulheres, representadas pelas três personagens principais e uma gama de outras citadas durante a narrativa. Quem são essas personagens e como elas são apresentadas pela escritora? No posfácio do livro, na edição de 2009, a autora define as três personagens como:

Pode-se dizer que elas se definem a partir de três “arquétipos”, ou figuras da época. Ana Clara é a mais bonita, a mais liberada e a mais problemática, por ser dependente de drogas; Lia, afetivamente chamada Lião pelas outras, está envolvida na luta armada contra a ditadura; e Lorena, a mais intelectualizada. É um jovem rica de uma família tradicional de proprietários de terras. (TELLES, 2009, p. 288 - livro físico)

Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues (2014) escreveu em sua dissertação de mestrado intitulada “*As marcas da memória na escrita de As Meninas de Lygia Fagundes Telles*”, que:

[...] no romance de Lygia Fagundes Telles, temos a reprodução de uma memória histórica que foi a do Regime Militar, porém seu foco é nos mostrar o quanto, nela, a memória individual permanece. Ao longo do romance, passamos a conhecer a memória individual de cada uma das protagonistas de Lygia, que são Lorena Vaz Leme, proveniente da burguesia decadente, Ana Clara Conceição, representante da classe média abandonada e prostituída, e Lia de Melo Schultz, comunista. Temos, no decorrer da narrativa, sempre um passado buscado pela força da memória e da reminiscência por meio das reflexões de suas protagonistas (Rodrigues, 2014, p.85)

⁵ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Lygia Fagundes Telles. Academia Brasileira de Letras, s.d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: 10 maio 2025

A história narrada se passa em um pensionado na cidade de São Paulo, denominado de Pensionato Nossa Senhora de Fátima onde as três personagens moram. Cada uma com sua especificidade cultural, política, religiosa e sexual, vivendo um período perturbador, principalmente para as mulheres. São personagens fictícias mas, que poderiam ser identificadas como muitas das jovens que vivenciaram o período, com suas expectativas, anseios, angústias e frustrações. São relatos de vivências de mulheres que foram silenciadas e outras que lutaram de diferentes formas naquele período.

As apresentações das personagens ocorrem de forma natural durante a narrativa do romance, a partir das visões parciais de cada narradora. O romance é iniciado pela personagem Lorena Vaz Leme, estudante de direito, que guia seis dos 12 capítulos do romance, ao ser entrevistada pela amiga Lia, ela deixa bem claro que não tinha interesse em nenhum movimento político:

- Pertence a algum grupo político?
- Não
- por acaso faz parte de algum desses movimentos de liberação da mulher?
- Também não. Só penso na minha condição.
- Trata-se então de uma jovem alienada?
- Por favor, não me julgue, só me entreviste. Não sei mentir, estaria mentindo se dissesse que me preocupo com as mulheres em geral, me preocupo só comigo, estou, apaixonada (TELLES,2009, p.160-161).

A personagem não se envolve diretamente em nenhum movimento político do período e representa uma burguesia, católica em decadência e seu dinheiro é utilizado para custear a militância de Lia Leme, e o vício de sua amiga Ana Clara. O seu pai, Roberto, faleceu com problemas psicológicos e com ausência de memória em um sanatório. Já a mãe, Angélia vive usufruindo da fortuna da família com procedimentos estéticos para parecer mais jovens, e gastando com uma jovem chamado Mieux. Lorena tem dois irmãos, Rômulo e Remo.

No pensionato Nossa Senhora de Fátima o espaço que Lorena passa a maior parte do tempo é na Conha, o nome que a personagem atribuiu ao quarto que reside e que ocupa durante a maior parte do romance. É o lugar que representa segurança, conforto e proteção, sendo um refúgio e um isolamento do mundo exterior. Sua história oscila entre o passado ligado a morte de seu irmão Rômulo, e seu presente, marcado pelo romance com o Doutor Marcus Nemesius que é casado e tem cinco filhos. Ele é

apresentado na maior parte do texto pelas iniciais M. N. e Lorena vive a angústia de ter presenciado o trágico acidente do irmão Rômulo:

Devolvo amanhã — diz ela dobrando o lenço. — Fique com ele, imagine. Quer levar mais um? Atiro-lhe o lenço cor-de-rosa que não se abriu como o verde. Por que meu coração também se fecha? Rômulo nos braços de mãezinha, procurei um lenço e não vi nenhum, seria preciso um lenço para enxugar todo aquele sangue borbulhando. Borbulhando. "Mas que foi isso, Lorena?!" Brincadeira, mãezinha, eles estavam brincando e então Remo foi buscar a espingarda, corra senão atiro ele disse apontando. Está bem, não quero pensar nisso agora, agora quero o sol. Sento na janela e estendo as pernas para o sol. (TELLES, p. 21).

O caso dos irmãos de Lorena é contraditório, pois a personagem relata que na infância Remo atirou em Rômulo durante uma brincadeira, porém Angélica discorda da filha e revela que a Rômulo morreu de problemas cardíacos quando ainda era um bebê. Não é possível saber qual das duas versões teria sido a verdadeira, porque e

Este episódio não é esclarecido durante o romance deixando aberta a situação para especulações. Outro aspecto sobre a personagem e que durante a narrativa ela demonstrar estar sempre em conflito é sobre a religião e a liberdade. Ela permanece virgem devido às ideias da religião ligadas a pureza, na qual a mulher não pode e nem deve se relacionar sexualmente antes do casamento pois se tornaria impura, indo contra a moral e os bons costumes da Igreja. Ao mesmo tempo se relaciona com um homem casado ampliando seus conflitos morais. A personagem segue o padrão estabelecido pela doutrina religiosa, mas vive em conflito e seus banhos de banheira simbolizam um ritual de purificação, onde a água purificaria seu corpo.

No livro *“Imagens Da Mulher Na Cultura Contemporânea”* organizado pela Silvana Lucia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento é discutido a imagem da mulher em especial as baianas, porém no capítulo escrito por Vânia Nara Pereira Vasconcelos ela explica sobre a diabolização da mulher, da qual a mulher “pecadora” estaria ligada a Eva, enquanto a “santa” é retratada por Maria. A representação de pureza através de Maria (mãe de Jesus) ainda é utilizada pelas igrejas, para o incentivo a pureza e castidade, castidade essa venerada pela personagem Lorena.

Lorena Leme demonstra ter vários pensamentos e ações preconceituosas com diferentes segmentos sociais. Em uma de suas narrativas ela fala sobre os nordestinos: “Não sei até quando a gente vai ter que carregar esse povo nas costas, horrível pensar isso mas agora já pensei e estou pensando ainda que se Deus não

está lá é porque deve ter suas razões”. (TELLES, 1974, p.23.). Ela reconhece em sua frase o pensamento nada cristão e por isso recua, mas volta a reafirmar quando tenta justificar utilizando a suposta ausência divina para explicar o sofrimento de uma população que para ela é possível entender que eles eram miseráveis ao ponto de nem Deus querer ajudá-los, e que eles escolheram o lugar que estavam ocupando.

O autor José Murilo de Carvalho no livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho* (2001) explica sobre o “cidadão incompleto”, que seria esse possível nordestino que a personagens aborda nesse diálogo. Para Carvalho, o cidadão incompleto parte de um atraso nos direitos sociais, culturais e principalmente os civis, dessa forma aumentando a desigualdade. Lorena representa um segmento da sociedade brasileira que acredita que o culpado pela pobreza é o próprio pobre que não busca meios de sair da sua condição de miserabilidade desconsiderando todas as forças da opressão e exploração social vivenciadas pela população que secularmente vem sendo subalternizada.

Em outro trecho Lorena continua evidenciando seu preconceito não só social, mas também cultural, e ideológico: “E, Mas fazer a toailete como uma doméstica apressada. Certos gestos e palavras de Ana Clara, coitadinha. Tudo está nos detalhes: as origens, a fé, a alegria. Deus. Principalmente as origens”. (TELLES, p.23). Ao ressaltar a questão da origem ela está criticando a estrutura e origem familiar da amiga. Apesar de serem amigas, Lorena demarca o que acredita ser a sua posição de superioridade pela origem familiar.

No romance Lygia denunciou as desigualdades, e como a burguesia desresponsabilizava o Estado atribuindo a responsabilidade desse lugar de exclusão aos próprios marginalizados. É curioso que a personagem Lorena, como já dito, ocupa a maior parte da narrativa do romance. Talvez por ser ela a representante de um segmento social que a autora mais conhecia e por isso mesmo deste conhecimento se valeu para efetuar as denúncias.

A personagem Ana Clara Conceição é uma estudante de psicologia e faz parte de uma família desestruturada cujo pai é um desconhecido e a mãe era prostituta que se suicidou ingerindo formicida depois de sofrer um aborto. Ana Clara narrou que a mãe teria morrido “mais encolhida do que uma formiga, nunca pensei que fosse assim pequena. Escureceu e encolheu como uma formiga e o formigueiro acabou” (TELLES,2009 p.86). Ana Clara, assim como Lia dependia do dinheiro de Lorena.

Durante a narrativa da personagem a autora aborda temas como vícios em drogas, abuso sexual, prostituição, racismo e aborto. A narrativa dela oscila entre o passado no qual foi abusada sexualmente pelo doutor “algodãozinho”, o presente que vive com o amante Max, e o futuro que ela sonha e projeta casar com um homem rico. Max é um traficante machista que a incentiva a consumir diversos tipos de drogas e a abusa psicologicamente. A personagem não consegue se relacionar afetivamente e nem sentir prazer nas relações devido ao abuso sexual que sofreu na infância, e que teve o consentimento da mãe.

Era. Era ótimo. Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e ele esperando apodrecer bastante e eu crescer mais pra então fazer a ponte. Uma ponte pra mãe e outra pra filha. Bastardo. Sacana. As duas pontes caindo na ordem de entrada em cena. Primeiro a da mãe que se deitou com ele em primeiro lugar e depois... *Fui passando pela ponte a ponte estremeceu água tem veneno maninha quem bebeu morreu.* Quem bebeu morreu. Ele cantava para me fazer dormir, mas tão apressada que fingia que dormia para ela ir embora de uma vez (TELLES, 2009 p.38-39).

Essa lembrança está associada a violência sexual praticada pelo dentista, o Dr. Algodãozinho, que mantinha uma relação com a mãe e a filha e os abusos com a filha eram presenciados ou tinham o consentimento da mãe que vivia uma situação de vulnerabilidade por ser dependente química.⁶

Para Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues (2014, p. 90) Lygia Telles explora uma dimensão muito importante da história das mulheres. As memórias do sofrimento e dos abusos sexuais e sociais que são abafadas e silenciadas, mas que insistem em emergir.

O relato da personagem denuncia a vulnerabilidade de muitas crianças e mulheres que frequentemente foram e ainda são vítimas de abuso sexual. Ainda existem muitas Anas, que tentam denunciar o abuso sofrido na infância, mas que as pessoas ignoram ou não acreditam nos fatos narrados. No caso da personagem, ela sofreu o abuso por parte de um profissional que deveria estar cuidando da sua saúde, porém a maioria das Anas que conhecemos são abusadas por parentes próximos como pais, tios, primos ou amigos da família. Raramente é por um estranho, e na

⁶ Cabe destacar que a Lei nº 12.015 foi promulgada dia 7 de agosto de 2009, possibilitando uma reforma no Código Penal Brasileira fortalecendo a proteção contra crimes sexuais. Revogou o crime de atentado ao pudor, unificou os crimes sexuais incluindo todos os atos libidinosos sobre a mesma categoria de estupro. Criou o art.217 que trata do estupro de vulnerável, quando o ato envolve menores de 14 anos de idade mesmo com o consentimento do menor, sob pena de 8 a 15 anos.

maioria das vezes somos silenciadas por medo, culpa ou vergonha, e acabamos nos tornados mulheres com dificuldades de nos relacionar não só sexualmente, mas socialmente. E mesmo com o surgimento de novas políticas públicas muitas de nós, Anas, vamos morrer sem relatar o abuso que sofremos na infância, e talvez esse seja o maior sofrimento de uma vítima, ter que viver com o trauma do abuso e a dor do silêncio. Rodrigues (2014, p. 80) ainda afirma que “Ana Clara é a representação daqueles que gritaram por socorro, porém a sociedade não tinha tempo, nem disposição; é a personagem que se encaixa no quadro daqueles para quem a morte veio como libertação”.

Durante a narrativa da personagem existem várias passagens de cenas racistas como no trecho a seguir: uns negros berrando o dia inteiro um berreiro desgraçado. Ela afirmou que tinha “ódio de negro”. Mas ao mesmo tempo ela afirmou que “o Doutor Algodãozinho era branco. Olho azul o sacana. (Telles. 2009, p. 39). É importante perceber que Ana Clara ressalta que o abusador era branco evidenciando sua confusão com as referências que nutria sobre o bom e o mau. O abusador tinha as características que ela associava ao que era considerado bom então como ele poderia ser uma pessoa má? No seu imaginário aquele comportamento estaria mais esperado de pessoas negras e não daquele homem de olhos azuis.

Ela segue com o racismo, e insinua que todo mundo é racista, mas que só ela tem coragem de dizer “você e toda essa cambada corja tem ódio de negro. Que nem eu. Todo mundo tem ódio. Mas não tem coragem de dizer e faz aquele olho bonzinho” (TELLES, 2009. p.94. grifos meus). A personagem descarregava sua frustração atacando as minorias, buscando se sentir superior, é possível perceber isso na frase onde ela diz “não temos nada com esses subdesenvolvidos, somos brancos, está ouvindo?” (TELLES, 2009. p. 85). O romance joga luz nos conflitos de ordem social e racial camuflados no período.

A personagem também aborda sobre o tema aborto, assunto que se em 2025 ainda causa grandes repercussões, nos anos 90 era um grande tabu. Ao discutir sobre uma gravidez indesejada ela afirma “Tem que fazer depressa o aborto e depois a plástica na zona sul...” (TELLES, p. 166). A questão da plástica faz relação com a reconstrução do hímen, como forma de devolver a pureza a personagem, para que ela pudesse se casar como virgem.

No final do romance Ana Clara é encontrada morta no quarto de Lorena com indícios de overdose, e para fugirem de possíveis problemas as meninas decidem abandonar o corpo da amiga em uma praça, elas arrumaram a personagem, colocam uma bolsa com os documentos e despacham o corpo. Lorena e Lia tinham medo de que a polícia, ao encontrar Ana Clara morta no pensionato, fosse complicar a vida delas, e das mães.

Lia de Melo Schultz, ou Lião “é a personagem que tem uma relação com o cenário histórico-político desenvolvida de uma forma mais aguda que as outras meninas” (UMBACH; HERMES, 2022, p.98). Ela é filha de um alemão e ex- militante nazista, Herr Poe, e de Dionísia, uma baiana descendente de usineiros. Ela era universitária do curso Ciências Sociais, engajada na luta contra a ditadura militar, representando uma parte da juventude universitária brasileira comprometida politicamente com a luta armada durante a ditadura. Devido a repressão política do período, ela participava, planejava e organizava movimentos de combate contra a ditadura civil militar. Lia ultrapassava os padrões esperados pelo patriarcado para as mulheres. Teve a liberdade de decidir com quem e quando iria perder a virgindade e durante a adolescência se envolveu em um relacionamento homoafetivo e por fim estabeleceu um acordo com o namorado, Miguel, sobre um relacionamento não monogâmico. A personagem Lia representava um triplo silenciamento, pois além de ser militante e mulher, teve um relacionamento homoafetivo. A repressão militar durante o período vai além dos porões da tortura, e passa a afetar tanto diretamente quanto indiretamente a vida, o corpo, o psicológico e as escolhas principalmente a vida feminina. A jovem Lia nos traz a memória da militante que esboçava o desejo em poder andar livremente pelas ruas da sua cidade, e ter o direito de escolha.

No decorrer da história Lorena discorre sobre um livro que Lia estava lendo:

[Lorena] Examinou [...]o livro que Lia devolvera com várias páginas marcadas de vermelho, tinha o hábito (péssimo) de assinalar o que a interessava não só nos próprios livros, mas também nos alheios. Deteve-se no trecho indicado por uma cruz mais veemente: *A pátria prende o homem com um vínculo sagrado. É preciso amá-la como se ama a religião, obedecer-lhe tudo. É preciso amá-la gloriosa ou obscura, própria ou desgraçada.* Obedecer á pátria como se obedecesse a Deus? [...] Por que Lia grifara isso? Não acreditava em Deus, acreditava? E a Pátria para ela não era o povo? [...] E O Capital debaixo do braço, metido num papel de pão que mais mostrava do que escondia (TELLES, 2009, p.61)

No texto acima Lorena destaca um trecho que faz parte do livro *A Cidade Antiga*, do nacionalista historiador francês Fustel de Coulanges, em que ele representa seu compromisso com a pátria, o engajamento e as lutas pela transformação do país. É interessante observar que Telles também lia esses autores.

Um aspecto de destaque do livro diz respeito a narrativa de acontecimentos ligados diretamente a situação política do país. A autora aborda alguns relatos de tortura e repressão sofridas durante o período e a seguir é possível receber que a personagem relata uma denúncia de tortura sofrida por um dos seus colegas de grupo, chamado Maurício.

Outros colecionam selos, outro coleciona gravatas e lá adiante um entra na fila do cinema. Maurício aperta os dentes que se quebram. Não quer gritar e então aperta os dentes quando o bastão elétrico afunda lá no fundo. No desenho animado, o gato leva trompaço e dentes e ossos se trincam. Mas na cena seguinte já se colam e o gato volta inteiro. Seria bom se fosse como nos desenhos, Silvinha da Flauta. Gigi. Japona. E você, Maurício? Quando o bastão entrar mais fundo, desmaia. Desmaia depressa, morra. Devíamos morrer, Miguel. Em sinal de protesto devíamos simplesmente morrer. "Morreríamos se adiantasse", você disse. Lembra? Eu sei, ninguém daria a mínima. Arrancaríamos o coração do peito, olha aqui meu sangue, olha aqui meu coração! Mas tem um tipo ao lado engraxando os sapatos, que cor de graxa o cavalheiro prefere? (TELLES, 2009, p. 20).

Ela faz relação com um desenho animado, mesclando a realidade com a ficção, dessa forma ao lerem seus romances os censuradores entenderiam que Lygia estava narrando um desenho animado. É necessário que entendamos que utilização de forças violentas não é exclusivo do período da ditadura militar, pois faz parte da história desde a época colonial no Brasil:

O uso da força repressiva para combater os focos de oposição não foi uma inovação dos governos militares nem constitui um mecanismo recente da sociedade brasileira. A ditadura Vargas, por exemplo, usou e abusou da repressão, da tortura, das prisões e do exílio. [...] Aliás, a própria colonização brasileira que se fez na base da escravidão tinha como contraponto o "tronco" para os castigos corporais" (D'Araújo; Soares; Castro, 1994, p. 10).

Lia é a porta voz das atrocidades vivenciadas pelos estudantes engajados durante a ditadura militar. Mas como Lygia teve acesso a essas informações? Posteriormente ela narrou em seu livro *Conspiração de Nuvens* (2007), que enquanto escrevia o romance *As meninas*, entregaram nas suas mãos um texto que descrevia uma sessão de tortura que ocorreu nos porões do regime militar. Com o incentivo do

seu marido, Paulo Emílio Salles Gomes, ela publicou o texto utilizando a voz da personagem Lia (SANTOS, 2020, p. 5).

Esse depoimento é narrado pela personagem no capítulo 6 quando, durante a cena ela lê para a Madre Alix, um panfleto que recebeu contando a tortura sofrida pelo botânico chamado Bernardo, que foi preso e torturado pelos militares. No relato ele descreve as atrocidades sofridas, inclusive com um dos piores métodos de tortura da época, que foi o pau-de-arara:

Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resistia e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar os choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cuja pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. (TELLES, 2009, p.148-149).

Compreendemos a personagem Lia como a personagem que ecoa as denúncias dos acontecimentos do período, narrando sempre com seu olhar crítico de uma estudante universitária engajada nos movimentos de enfrentamento a ditadura. A militância política de Lia tem base tanto no desenvolvimento de sua consciência crítica em relação à sociedade e ao mundo em que vive quanto na admiração e no amor que ela sente por Miguel, seu companheiro, que é preso político (OLIANI, 2013, p. 101). A seguir ela fala sobre a prisão do namorado, e as formas de torturas que seus colegas sofreram:

Sabem que você foi preso e torturado, menino corajoso esse Miguel, é preciso ter coragem, bravo, bravo. Sabem que a Silvinha da Flauta foi estuprada com uma espiga de milho, o tira que soube do episódio do romance do Faulkner, alguém contou e ele achou genial. "Milho cru ou cozido?" perguntou o outro e ele deu pormenores: "Milho esturricado, aqueles grãos espinhudos!". Os intelectuais estão comovidos demais pra falar, só ficam sacudindo a cabeça e bebendo. A sorte é que o uísque não é nacional. Um

ou outro mais fanático se irrita com o tom dos encontros, afinal, ele não reuniu só pro queijo e vinho quando as notícias são as piores possíveis: Eurico continua sumido, foi preso assim que desembarcou e até agora ninguém sabe dele. Desapareceu como personagem de ficção científica, quando o homem metálico emite o raio e o tipo se dissolve com revólver e tudo e fica no lugar uma manchinha de gordura. O Japona deixou uma maleta na casa do irmão, avisou que ia buscar no dia seguinte. Faz um ano disso, a maleta ainda está lá (TELLES, 2009, p. 32- 33).

Os depoimentos contidos no romance denunciavam as formas de repressão, e até os métodos com detalhes utilizados pelos militares para torturar diversas pessoas durante a ditadura militar, portanto a literatura assume um papel importantíssimo para a difusão do “relato a um número maior de pessoas naquela época, mas também, pelo caráter de permanência e durabilidade através do tempo, de apresentar uma informação acessível aos que não vivem nesse período, garantindo o acesso aos acontecimentos às gerações futuras” (OLIVEIRA, 2021, p. 23).

A autora utilizou o romance não só como uma forma de denúncia, mas com a representação das personagens ela expôs as diversas formas de violências sofridas pelas mulheres em diferentes contextos e formas, trabalhando a memória como um espaço onde a identidade das meninas se constituiu em resistência, dando visibilidade a essas vozes femininas que foram silenciadas.

O romance nos proporciona uma conexão entre história, memória e literatura, cada uma das três jovens dão origem a um espaço de memória na qual as vivências femininas tornam-se testemunhos, e na qual a literatura deve ser utilizada para tentar recuperar a história feminina que por muito tempo foi excluída ou reduzida a papéis secundários.

Cada uma das personagens com sua complexidade, Lia com sua resistência política traz a memória as torturas e repressões sofridas no período amplificando a voz da participação feminina na militância, já Lorena com seu conservadorismo moral aborda o autoritarismo infiltrado na educação burguesa e na moral cristã. Ana Clara traz a memória marginalizada, o abuso sexual e a dependência química. A personagem Lia representava um triplo silenciamento, pois além de ser militante e mulher, ela teve um relacionamento homoafetivo, que não foi aceito pela mãe. Para Dulce Pandolfi (2004, p.18) a repressão militar durante o período vai além dos porões da tortura, e passa “a atingir os corpos, os afetos e as escolhas de vida, sobretudo das mulheres, que viviam entre o medo e o silêncio”.

Durante o romance de Lygia é possível perceber um silenciamento da mulher negra, talvez involuntariamente ou resultado do racismo estrutural brasileiro. Pois ao mesmo tempo em que ela visibiliza três personagens femininas, ela também silencia sobre a mulher negra. Para bell hooks (2021, p.19) “...as mulheres não poderiam se juntar para promover o feminismo sem confrontar nosso pensamento sexista”. Porém é possível que a autora do romance tenha se baseado em suas memórias para construir as personagens e, naquele período o número de mulheres negras nas universidades era reduzido e talvez isso explique, ao menos em parte, esse silenciamento.

Mesmo não abordando sobre o feminismo negro, Lygia, como uma mulher atenta com as questões sociais e políticas do seu tempo se definia como uma feminista. E ainda de acordo com bell hooks o feminismo foi e é “... um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (2021 p.17). As questões do feminismo são pertinentes aos que buscam deixar de praticar o sexismo tanto entre os homens quanto entre as mulheres, isso porque ele está impregnado ou enraizado tanto na nossa cultura, quanto no nosso cotidiano.

Cabe destacar ainda a importância da literatura como fonte para os estudos históricos uma vez que, por meio dela, podemos acessar as sensibilidades de uma época. Para Sandra Pesavento (2005),

[...] a Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão. A Literatura fornece o acesso à sintonia fina, ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver as sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é a fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (p. 82).

Ao recorrer a literatura como fonte o historiador tem a oportunidade de perceber, em grande medida, às sensibilidades da época investigada. Pode ser num romance, poemas, crônicas ou relatos em diários. Essas narrativas, para além de contar histórias, que até podem ser ficcionais, trazem elementos das sensibilidades e emoções partilhadas no período narrado e assim permitem ao leitor acessar aspectos por vezes não observáveis em outros documentos históricos. Pesavento reconhece que tanto a História quanto a literatura compartilham o objetivo de compreender a experiência humana. Porém enquanto a História busca analisar os processos sociais e políticos, a Literatura possibilita uma abertura para o imaginário e as subjetividades.

Considerações finais

É possível concluir que o romance é multidisciplinar percorrendo por diversas áreas, abordando múltiplos temas que dão visibilidade ao gênero feminino. Cada personagem narrado carrega consigo uma história que representa milhares de outras mulheres que foram silenciadas, não só pela Ditadura, mas também por diversos aspectos sociais da época e que Lygia Telles viveu e conseguiu abordar com êxito. As personagens são tão ricas e contemporâneas que temos a impressão de que ainda é possível enxergá-las nos tempos atuais.

No caso de Lorena, que correspondia a doutrinação sofrida pela religião e que retratava a voz das mulheres que não tiveram o prazer de conhecer seus corpos e afundaram em casamento falidos por causa da ideologia da família feliz ao preço do silêncio e subordinação da mulher. Ana Clara que representava as mulheres que devido a violência sexual desencadearam diversos problemas psicológicos e de vícios, e que acabaram morrendo sem que suas histórias fossem contadas. E Lia, que representava as mulheres que atuaram na linha de frente dos movimentos políticos e sociais em busca de nossos direitos e do avanço e melhorias da sociedade.

Consideramos que toda essa narrativa só foi possível porque era uma mulher escrevendo sobre mulheres. Daí a importância que se tem em respeitar o lugar de fala, de quem vive a experiência ou de quem tem sensibilidade para ouvir e narrar sobre acontecimentos traumáticos. Lygia não foi vítima de violência. Ela foi uma mulher que teve uma vida de privilégios pois conseguiu estudar em bons colégios, teve acesso a bens culturais, conviveu com pessoas que partilhavam de uma vida erudita. Ainda assim ela teve a coragem e sensibilidade para tratar de temas abafados no período que retratou.

As Meninas não são apenas representações de jovens brasileiras e seu cotidiano durante a ditadura, mas sim símbolos de resistências diversas durante um período de silenciamento social e principalmente feminino, no qual a literatura se apresenta como uma fonte histórica poderosa para a reconstrução da memória sobre essas mulheres silenciadas por muito tempo pelos documentos históricos e livros escolares.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. 2005. **Problema da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (org). **Os Anos de Chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DE CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho, v. 18 , 2001.
- GOMES, Eurídice Figueiredo. **A mulher e o romance brasileiro: 1945-1975**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: política arrebatadoras**. 21.ed. Rio Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- Instituto Moreira Salles. Lygia Fagundes Telles. Disponível em: <<https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-lygia-fagundes-telles/>>. acessando em 07 de abril de 2025.
- MENDONÇA, Ana Carolina Moura. **A multiplicidade de vozes em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles**. In: ANAIS DA ABRALIC INTERNACIONAL, 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4164>. Acesso em: 02 mai. 2025.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- Oliani, Nara Gonçalves. **As representações da mulher em As meninas, de Lygia Fagundes Telles** / Nara Gonçalves Oliani. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2013. 137 f.: il.; 30 cm.
- OLIVEIRA, Ana Simony Ferreira de. **Tabu, violência e opressão: vida de mulher em As meninas de Lygia Fagundes Telles**. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44784>. Acesso em: 15 de maio 2025.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ªed. Ed. Belo Horizonte; Autentica, 2005. p.82.

RODRIGUES, Vanessa Aparecida Ventura. **As marcas da memória na escrita de As meninas de Lygia Fagundes Telles**. 2014. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

SANTOS, João Pedro Rodrigues. **A ditadura militar brasileira e os romances As meninas e As horas nuas, de Lygia Fagundes Telles**. *Letrônica, [S. l.]*, v. 13, n. 1, p. e35137, 2020. DOI: 10.15448/1984-4301.2020.1.35137. Disponível em: <https://puhrs.emnuvens.com.br/letronica/article/view/35137>. Acesso em: maio. 2025.

UMBACH, Rosani Ketzer; HERMES, Ernani Silverio. **História e figuração das personagens em As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 88–104, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/cyVyHRrtsyBNx7HT6xGQ9Sx/?lang=pt>. Acesso em: maio 2025

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Mulheres honestas, mulheres faladas: casamento e papéis sociais. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (Org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. p. 201–220.

PINSKY, Carla Bassanezi. “Feminismo e memória: narrativas de si e história oral”. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria. **Novos sujeitos, novas histórias: subjetividades, gênero e educação**. São Paulo: Contexto, 2006.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **O golpe de 1964 e o regime militar: 40 anos depois**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, às quatorze horas, reuniram-se em sessão pública, nas dependências do Campus II/Alagoinhas da Universidade do Estado da Bahia, as integrantes da Banca Examinadora, indicada pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em História do DEDC II, composta pelas docentes: Prof.^a Dr.^a Marilécia Oliveira Santos – UNEB/ DEDC II (orientador (a)); Prof.^a Dr.^a Leonice de Lima Mançur Lins (UNEB) – UNEB/DEDC II – (examinador (a) interno (a) e a Prof.^a Ma. Eliane Brito Silva – UNEB/DEDC II – (examinador (a) interno (a), para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pelo (a) estudante Carla Ruth Santos Cardoso, intitulado “REFLEXÕES SOBRE O ROMANCE AS MENINAS DA ESCRITORA LYGIA FAGUNDES TELLES”. Após exposição do trabalho, arguição e réplica, a Banca Examinadora, reunida separadamente, atribuiu nota (8,5), proclamando, em seguida, o resultado alcançado pelo (a) estudante. Nada mais havendo a tratar, encerraram-se os trabalhos às 15:30 horas.

Alagoinhas/BA, 08 de agosto de 2025.

Prof.^a Dr.^a Marilécia Oliveira Santos
Orientador (a)

Prof.^a Dr.^a Leonice de Lima Mançur Lins
Examinador (a) interno (a)

Prof.^a Ma. Eliane Brito Silva
Examinador (a) interno (a)

Carla Ruth Santos Cardoso
Discente